

VIGOTSKI E A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: UM PRIMEIRO OLHAR

VIGOTSKI AND THE CULTURAL-HISTORICAL THEORY: A FIRST LOOK

VIGOTSKI Y LA TEORÍA HISTÓRICO-CULTURAL: UNA PRIMERA VISIÓN

Quenizia Vieira Lopes

Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Pedagoga/área Orientação Educacional do Instituto Federal do Tocantins. Londrina, Paraná, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-6199-0616>

E-mail: quenizia@gmail.com

Adriana Regina de Jesus

Pós-doutorado em Educação. Professora do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-9346-5311>

E-mail: adrianar@uel.br

RESUMO

Este artigo busca discorrer sobre a Teoria Histórico-cultural, criada por Lev S. Vigotski, a qual é baseada no Materialismo Histórico-dialético, de Karl Marx, e que serve de base teórico-metodológica para outras teorias, como a Teoria da Atividade. O texto expõe uma síntese da Teoria Histórico-cultural, abordando suas principais características e conceitos teóricos, e discorre sobre a biografia do seu precursor. Além disso, apresenta uma condensação de sua base teórica, como forma de auxiliar interessados na temática bem como demais estudiosos da área educacional. Como procedimento metodológico, utilizamos uma abordagem qualitativa com a adoção de pesquisa documental. Diante do exposto, constatamos, por meio desse estudo, que a Teoria Histórico-cultural é imprescindível para a melhor compreensão do desenvolvimento do homem e da sociedade, uma vez que realiza sua análise com base no percurso histórico, cultural e social.

Palavras-chave: Aprendizagem; Desenvolvimento; Materialismo Histórico-dialético; Teoria Histórico-cultural; Vigotski.

ABSTRACT

This article seeks to discuss the Cultural-Historical Theory, created by Lev S. Vygotsky, which is based on Karl Marx's Dialectical-Historical Materialism, and serves as a theoretical and methodological basis for other theories, such as the Activity Theory. The text presents a synthesis of the Cultural-Historical Theory, addressing its main characteristics and theoretical concepts, and discusses the biography of its precursor. In addition, it presents a condensation of its theoretical basis, as a way to help those interested in the theme as well as other scholars in the educational area. As a methodological procedure, we used a qualitative approach with the adoption of documentary research. Given the above, we found, through this study, that the Cultural-Historical Theory is essential for a better understanding of the development of man and society, since it performs its analysis based on the historical, cultural and social path.

Key-words: Learning; Development; Historical-dialectical Materialism; Cultural-historical Theory; Vygotski.

RESUMEN

Este artículo pretende discutir la Teoría Histórico-Cultural, creada por Lev S. Vygotsky, que se basa en el Materialismo Dialéctico-Histórico de Karl Marx, y sirve de base teórica y metodológica para otras teorías, como la Teoría de la Actividad. El texto expone una síntesis de la Teoría Histórico-Cultural, abordando sus principales características y conceptos teóricos, y discute sobre la biografía de su precursor. Además, presenta una condensación de sus fundamentos teóricos, como forma de auxiliar a los interesados en el tema, así como a otros estudiosos del área educativa. Como procedimiento metodológico, utilizamos un enfoque cualitativo con la adopción de la investigación documental. Teniendo en cuenta lo anterior, encontramos, a través de este estudio, que la Teoría Histórico Cultural es esencial para una mejor comprensión del desarrollo del hombre y de la sociedad, ya que realiza su análisis con base en el contexto

histórico, cultural y social.

Palabras-clave: Aprendizaje; Desarrollo; Materialismo Histórico-dialéctico; Teoría histórico-cultural; Vigotski.

INTRODUÇÃO

Este artigo¹ traz uma reflexão sobre a Teoria Histórico-cultural na perspectiva de estudos de Lev S. Vigotski, bem como uma síntese biográfica deste, que é considerado o precursor dessa teoria. Dessa forma, após pesquisas em publicações sobre a Teoria Histórico-cultural, elaboramos a escrita deste artigo, com vistas a contribuir com outros estudiosos da área educacional, e demais interessados, sobre a teoria em tela.

Como aporte teórico utilizaram-se os autores Bernardes (2012, 2016); Elhammoumi (2016); Kravtsov e Kratsova (2021); Leontiev (2004); Luria (2010); Martins (2008, 2015); Marx e Engels (2008); Marx (2008, 2013); Rego (2001); Saviani (2003); Silva (2020); Vigotski (2018, 2021); Vigotskii, Luria e Leontiev (2010) e Vigotsky (2007).

SOBRE VIGOTSKI

Com base no disposto em obras referenciadas neste trabalho (VIGOTSKY, 2007; SILVA e GASPARIN, 2020; VIGOTSKII, LURIA, e LEONTIEV, 2010, LURIA, 2010; REGO, 2001), far-se-á, a seguir, uma síntese biográfica de Lev Semionovitch Vigotski.

Lev S. Vigotski nasceu em 17 de novembro de 1886, na cidade de Orsha, na Bielo-Rússia, e faleceu precocemente, no auge dos seus 37 anos, em 11 de junho de 1934, vítima de tuberculose.

Vindo de família judia, passou parte de sua vida em Gomel, na Bielo-Rússia, com seus pais e seus sete irmãos. Casou-se em 1924, aos 28 anos, com Roza Smeknova, com quem teve duas filhas. Vigotski sempre demonstrou ser uma pessoa inteligente, destacando-se pelo seu desempenho exemplar, inclusive desenvolvendo leituras por conta própria, mesmo antes de adentrar formalmente em instituição de ensino, visto que estudou até os 15 anos com tutores particulares, em sua residência. O soviético tinha domínio de diversas línguas, como alemão, inglês, espanhol e francês.

Formou-se em Advocacia e Literatura, no ano de 1917, na Universidade de Moscou, e realizou estudos em Medicina em Moscou e Kharkov, além de realizar estudos de História e Filosofia, mas não concluídos. Apesar de não se graduar também em Psicologia, teve

¹ Este trabalho é parte de tese em desenvolvimento da primeira autora, sob orientação da segunda autora, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina – UEL.

como foco esse tema em seus estudos, no qual se aprofundou a partir de 1924.

Em 1924, Vigotski proferiu a palestra Consciência como um objeto da Psicologia do comportamento, no segundo encontro de Neuropsicologia, em Leningrado, em que as ideias expostas divergiam das utilizadas pelo diretor do Instituto de Psicologia, Kornilov, recém assumido no cargo após a destituição de Chelpanov, o que gerou uma situação desconfortante, principalmente porque expunha uma crise na psicologia, propondo que houvesse mudanças e que fosse feita uma abordagem diferente das teorias até então existentes.

Vigotski revolucionou o estudo da psicologia ao propor a análise do desenvolvimento e comportamento humano à luz das relações sociais. Vigotski também propôs que as explicações das funções psicológicas superiores fossem realizadas sob uma ótica do contexto histórico, social e cultural, ou seja, sob uma ótica marxista de desenvolvimento da sociedade, de constantes mudanças e contradições, mas que não descartassem totalmente as ciências naturais.

Durante grande parte de seus estudos na área psicológica, Vigotski contou com a parceria de dois grandes estudiosos, que com ele formavam a denominada Troika: Alexander Romanovich Luria e Alexei Nikolaevich Leontiev.

Vigotski atuou em várias frentes, como: professor de Literatura, ministrante em cursos de Psicologia e Pedagogia, fundador do Instituto de Estudo das Deficiências, em Moscou, dirigente de Departamento de Educação para deficientes físicos e retardos mentais, membro do Instituto de Psicologia de Moscou.

Mesmo tendo uma morte prematura, viveu muitas experiências e deixou um legado cuja perpetuação contou com a contribuição de nomes como Leontiev, Luria, Elkonin e Davidov.

Vários foram os escritos de Vigotski, muitos deles realizados por seus colaboradores, por meio de ditado do próprio e transcrito por outro. Muitos outros trabalhos de Vigotski só foram tornados públicos após sua morte, uma vez que foram organizados e divulgados por colaboradores. Desta forma, por conta de traduções e até mesmo de leituras feitas sob outras óticas, constata-se que algumas ideias foram expostas equivocadamente em algumas de suas obras.

Além do mais, no governo de Stalin, na União Soviética, as obras de Vigotski foram

censuradas no período de 1936 a 1956.

No Brasil há críticas sobre obras traduzidas de Vigotski para o português. Zoia Prestes, uma das estudiosas e tradutoras de obras de Vigotski, em muitas de suas falas proferidas em palestras sobre o autor, explica que há uma divergência entre alguns dos escritos traduzidos e/ou organizados do soviético. Cita, por exemplo, que em vez de fala muitos usam a palavra linguagem nas traduções realizadas. De acordo com Prestes, a fala está relacionada ao fenômeno humano, o que não pode ser confundido com linguagem, visto que esta é encontrada em outras espécies animais. Para a autora, a criança desenvolve a fala desde quando nasce, e outra espécie animal, mesmo tendo contato diário com os seres humanos, que se comunicam por meio da fala, não conseguem desenvolvê-la.

Entre as obras de Vigotski, que foram editadas no Brasil, destaca-se *A formação social da mente* (1984) e *Pensamento e Linguagem* (1987). Todavia, vale ressaltar que há centenas de escritos do autor disponíveis, muitos deles ainda sem tradução em português.

Fica evidente que as obras e os trabalhos realizados por Vigotski contribuíram e contribuem para o desenvolvimento de estudos de diversas áreas, principalmente quanto ao que se refere ao desenvolvimento humano, tornando-o assim uma pessoa ímpar nos estudos acerca do processo de evolução da humanidade; ademais,

Não é exagero dizer que Vigotskii era um gênio. Ao longo de mais de cinco décadas trabalhando no campo da ciência, eu nunca encontrei alguém que sequer se aproximasse de sua clareza de mente, sua habilidade para expor a estrutura essencial de problemas complexos, sua amplitude de conhecimentos em muitos campos e sua capacidade para antever o desenvolvimento futuro de sua ciência. (LURIA, 2010, p. 21)

Para finalizar este tópico, registra-se que, a partir de estudos do soviético Vigotski, entre os anos de 1920 e 1930, foi desenvolvida a Teoria Histórico-cultural, que possui como base o Materialismo Histórico-dialético, conceito teórico definido na sequência, para melhor compreensão da teoria em tela.

MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO

Tendo como princípio básico compreender a sociedade humana e suas relações, o Materialismo Histórico-dialético, que tem como seu principal percurso Karl Marx, é um método da análise da realidade, levando-se em consideração o seu contexto histórico,

cultural e social, possibilitando a transformação dessa realidade, intermediada pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento das ideias. Em outras palavras, o Materialismo Histórico-dialético se desenvolve em determinado tempo e espaço, em que uma contextualização, por meio de uma construção narrativa, é primordial nesse processo.

Esse tema é basilar para discussão deste artigo, visto que, na concepção de Vigotski, o entendimento de Teoria Histórico-cultural está vinculado diretamente aos conceitos material e dialético, depreendendo que a formação se dá numa relação dialética entre sujeito e sociedade.

Nessa linha, entende-se que o desenvolvimento humano e social se realizam em um contexto histórico, que é mutável e em constante transformação e contradição; portanto, dialético.

Vigotski utiliza-se deste método, o Materialismo Histórico-dialético, na busca de alcançar a origem do psiquismo humano, não se limitando a explicações biológicas do comportamento, mas analisando a sua evolução a partir da ótica da interação social no percurso histórico.

Por conseguinte, sob a ótica deste método, o desenvolvimento humano está vinculado ao contexto histórico da sociedade, ou seja, o processo formativo do homem está diretamente vinculado à sua integração à sociedade e as atividades que ele realiza nesse meio, ademais,

A Análise do desenvolvimento psíquico centrada na atividade possibilita o reconhecimento de que, durante todo o seu processo de formação, o indivíduo desempenha papel ativo valendo-se de circunstâncias históricas e sociais que determinam o conteúdo e a forma das relações que integra. Os indivíduos participam de um conjunto de atividades ao longo de sua existência, no entanto, ao se considerar a formação do psiquismo em seu movimento, existem atividades que possibilitam maior avanço do psiquismo no sentido da interpretação do real, exercendo dominância em relação às demais atividades que lhe são subordinadas ou secundárias. (MARTINS, ABRANTES & FACCI, 2016, p. 2)

A concepção do homem enquanto sujeito histórico-social exige que a análise não se dê apenas na atualidade, mas que se construa um resgate histórico com vistas a interpretar sua trajetória e os fenômenos sociais, políticos e econômicos, observando assim sua evolução no decorrer do espaço de tempo e dos limites materiais aos quais o homem foi determinado.

O método de Marx, o Materialismo Histórico-dialético, define a relação entre tese,

antítese e síntese, do universal ao particular e do particular ao universal. A tese é o problema encontrado no real cuja análise (antítese) desemboca no concreto pensado (síntese). A fim de exemplificar, entende-se que a natureza (tese) é transformada por meio do trabalho (antítese) que resulta na sociedade (síntese).

Para Marx (2008), do concreto pensado se retira uma tese que será analisada por meio de antíteses até que se transforme em uma síntese. Enquanto Hegel se preocupa com a formação da ideia no campo do abstrato, Marx vai pensar o real como manifestação externa, a materialização é a síntese.

Destaca-se que anteriormente a Marx, Hegel já trabalhava numa perspectiva dialética. Contudo, a dialética proposta por Marx e por Hegel são opostas. Enquanto para Hegel a ideia é criadora do real, para Marx o ideal é o material transposto para a mente do sujeito e por ele interpretado enquanto concreto pensado. Para o autor,

A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede em absoluto que ele tenha sido o primeiro a expor, de modo amplo e consciente, suas formas gerais de movimento. Nele, ela se encontra de cabeça para baixo. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico. (MARX, 2013, p. 79)

O método para Marx segue o ciclo concreto - abstrato - concreto, em que uma análise da realidade segue o fluxo de iniciar pelo que existe, da matéria para a razão, parte-se do fato real, da aparência, para em seguida analisar a sua verdadeira realidade e, por fim, chegar a sua realidade concreta, isto é, a sua essência.

Para Marx o ponto de partida da realidade é um fato ou o conjunto de fatos, a factualidade. É possível dizer que o movimento do método de Marx inicia-se extraído da realidade dada tudo que ela pode oferecer, para assim chegar à verdadeira realidade. Por conseguinte, para se conhecer verdadeiramente o fato, faz-se necessário ir além das aparências, considerando, portanto, em um primeiro momento, o fato inicial como aparência e, após um processo de pesquisa, de análise, chegar à realidade concreta.

É evidente que, para entender o ciclo do método disposto por Marx, é imprescindível distanciar-se do dado inicial, do fenômeno, de modo que se analise o fato por uma ótica que elimine tudo que pode ser atribuído ao fato inicial. Para tanto, valemos do processo de busca e da pesquisa pelo método analítico, a fim de possibilitar o conhecimento aprofundado do fato inicial, daquilo que realmente ele é, a realidade.

Isto posto, negar a aparência, isto é, buscar chegar-se à realidade, é um movimento de descolar-se do imediato, do abstrato, que pode ser realizado pelo método analítico e, ultrapassando-o, atingir a evidência, alcançando, enfim, o que realmente é o concreto.

O marxismo tira o distanciamento da ideologia longe da realidade. Para chegarmos à essência de algo que iremos investigar, por exemplo, temos que passar pela sua aparência. A essência é o que importa e precisa ser revelada, e, para tanto, faz-se necessário que ela sobrepuje a aparência.

Desse modo, no entendimento de Marx, a abstração não está diretamente relacionada ao pensamento, e o concreto, ao que é real. Contudo, considera-se que seja por meio do movimento da abstração que se supere a natureza abstrata do fato, visto que, analisando-o e superando essa abstração, pode-se chegar à forma concreta. Neste contexto, uma determinada realidade pode ser considerada abstrata enquanto não se torna dominante. Nas palavras do autor,

O concreto é concreto, porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. (MARX, 2008, p. 258-259)

Explicitando, para Marx, o conhecimento se desenvolve a partir das impressões imediatas, do empírico, que é um todo. Porém, esse todo não é organizado, e, a partir da análise desse todo, realizado no movimento de abstração, identificam-se os elementos que o caracterizam. Abstrai-se, assim, o que é importante e determinante para a sua definição, retorna-se, pois, ao caminho inverso, reconstruindo o todo, agora compreendido como uma síntese de múltiplas determinações, de todas as definições daquilo que se pode ser, e, enfim, chega-se ao seu real, ao seu concreto.

Evidencia-se que todo esse movimento “concreto - abstrato - concreto” acontece em um contexto histórico, cultural e social que pode influenciar na realidade concreta alcançada, e é também por meio deste que se realiza o encadeamento de evolução das ideias.

Assim, é somente a partir da análise da realidade concreta do homem, da sua condição enquanto pertencente a uma determinada classe, que se pode depreender a sua posição atual e as mudanças e possibilidades que esse homem pode alcançar, com vistas a

buscar sempre a sua superação. Portanto, o método marxiano consiste em reconstruir o real por meio do pensamento crítico do próprio real, ou seja, o concreto pensado.

Esse movimento (concreto-abstrato-concreto) é considerado dialético à medida que parte do pressuposto de que as coisas não são estáticas, ao contrário, por estarem em constante movimento são essencialmente contraditórias. Em outras palavras, toda realidade histórica, como a evolução do homem no percurso histórico, gera contradições que podem ocasionar a sua superação, ao tempo em que se contrapõem e podem evoluir. Assim, considera-se histórico ao passo que se analisa o contexto no seu movimento no espaço do tempo, por meio das relações socioculturais, construindo e reconstruindo perenemente, trilhando assim sua trajetória.

Conforme disposto por Bernardes, os princípios do Materialismo Histórico-dialético são diferenciais na Teoria Histórico-cultural, pois ““permitem explicar a realidade concreta e as possibilidades existentes para a sua transformação por meio da atividade humana organizada visando a um fim, o desenvolvimento humano nos aspectos social e individual””. (BERNARDES, 2016, p.13)

Ao mencionar atividade humana, nota-se que na citação anterior pode-se entender a referência ao trabalho. Em vista disso, vale destacar que Vigotski teoricamente segue a linha marxiana em suas abordagens. Nesse sentido, compreende que o trabalho é uma categoria fundante do ser humano, sendo este um diferencial entre o ser humano e os animais, uma vez que o homem utiliza-se da natureza para suprir as necessidades, chegando a se transformar e a transformá-la para o atingimento do seu propósito. Assim,

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (MARX, 2013, p. 188)

Nessa abordagem, frisa-se que para Marx o trabalho é uma atividade que não ultrapassa a situação humana, é uma atividade humana para suprir necessidades humanas, sendo real e prático, com finalidades a serem alcançadas. Já o modo de produção é como realiza-se o trabalho pelas forças produtivas, isto é, força de trabalho. Quanto ao trabalho

abstrato, considera-se aquele que gera valor à mercadoria, que está diretamente vinculado ao trabalho assalariado, podendo ser visto pela ótica quantitativa. Por outro lado, o trabalho concreto é aquele destinado a uma finalidade determinada, gerando valor de uso, gerando qualidade. Para o autor,

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força humana de trabalho em sentido fisiológico, e graças a essa sua propriedade de trabalho humano igual ou abstrato ele gera o valor das mercadorias. Por outro lado, todo trabalho é dispêndio de força humana de trabalho numa forma específica, determinada à realização de um fim, e, nessa qualidade de trabalho concreto e útil, ele produz valores de uso. (MARX, 2013, p. 104)

Para Marx (2008), o método do Materialismo Histórico-dialético está diretamente vinculado ao desenvolvimento da sociedade, à forma como se organiza para produzir a sua sobrevivência, que, em sua visão, ocorre no contexto de duas classes sociais: burguesia e proletariado. Melhor dizendo, a sociedade divide-se entre a classe daqueles que detêm o poder dos meios de produção - classe dominante (burguesia) - e a classe daqueles que exercem a força nas atividades realizadas - os trabalhadores (proletariado).

Por tratar-se de duas classes totalmente distintas, depreende-se que entre elas há contradições, característica de uma sociedade que possui classes com aspectos tão divergentes, mas conectadas. Tais contradições, no entanto, são transitórias; portanto, podem se modificar ao longo do tempo.

Não suscita nenhuma dúvida que o materialismo disposto neste método está relacionado à realidade material, como a estrutura econômica, pois somente sob a análise do que seja o estado material do homem é que se obtém a visão da realidade em que esse se situa e de como se pode ir além.

Quando aplicada na perspectiva histórica, uma análise a partir do método marxiano permite comparar as diferenças de determinadas realidades situadas historicamente e, dessa maneira, construir o conhecimento sobre essa realidade. A categoria trabalho, por exemplo, aparece como base de toda atividade econômica e torna-se fundamental para compreender a relação entre o homem e a natureza e sua forma de organização social.

Portanto, o trabalho é o responsável pelo processo de humanização do homem, ou seja, enquanto o animal busca na natureza a forma de suprir suas necessidades, o homem, ao transformar a natureza por meio do trabalho para suprir suas necessidades, acaba por transformar a si mesmo, haja vista que “o que não é garantido pela natureza tem que ser

produzido historicamente pelos homens, e aí se incluem os próprios homens.” (SAVIANI, 2003, p. 13).

Dessa maneira, depreende-se que o trabalho se constitui como atividade indispensável ao homem, diferenciando-se da atividade dos animais por ser mediado pela reflexão consciente, isto é, por ser realizado pelo homem de forma intencional e organizada, e por produzir constantemente o novo, gerando nele novas possibilidades, necessidades e habilidades, ou seja, a partir do trabalho o homem desenvolve outros aspectos de suas potencialidades.

Por meio da busca incessante pelo dinheiro e pelo poder, muitos detentores da força de produção tentam impor à classe-base, ou seja, ao proletariado, suas convicções e objetivos para cada vez mais tornarem-se mais fortes e mais dominantes. Assim, por conta das imposições dispostas nesse contexto, por parte da superestrutura, entende-se que o proletariado sofre uma alienação, uma vez que, ao depender da fonte de renda que emerge do seu trabalho, acaba cedendo a exigências que não necessariamente o fazem bem. Conforme disposto por Marx,

Mas o que inicialmente era apenas ponto de partida é produzido sempre de novo por meio da mera continuidade do processo, da reprodução simples, perpetuando-se como resultado próprio da produção capitalista. Por um lado, o processo de produção transforma continuamente a riqueza material em capital, em meio de valorização e de fruição para o capitalista. Por outro, o trabalhador sai do processo sempre como nele entrou: como fonte pessoal de riqueza, porém despojado de todos os meios para tornar essa riqueza efetiva para si. Como antes de entrar no processo seu próprio trabalho já está alienado dele [ihm selbst entfremdet], apropriado pelo capitalista e incorporado ao capital, esse trabalho se objetiva continuamente, no decorrer do processo, em produto alheio. Sendo processo de produção e, ao mesmo tempo, processo de consumo da força de trabalho pelo capitalista, o produto do trabalhador transforma-se continuamente não só em mercadoria, mas em capital, em valor que suga a força criadora de valor, em meios de subsistência que compram pessoas, em meios de produção que se utilizam dos produtores. (MARX, 2013, p. 426)

Esta situação de alienação nem sempre é percebida por parte da estrutura-base, visto que muitos não são capazes de analisar a sua própria situação opressora, uma vez que, em muitas das situações, falta o conhecimento, a sensibilidade para analisar e diagnosticar sua falta de controle sobre as suas reais necessidades e anseios. Por conseguinte, esses sujeitos cedem à cobiça material da classe dominante, não percebendo que as ideias preponderantes são oriundas da superestrutura.

Somente os conhecimentos científicos, historicamente construídos e acumulados, podem libertar o homem da alienação disposta por meio do trabalho na sociedade

capitalista, para que o trabalho não se torne um mero objeto desta classe dominante. Assim, somente pode se tornar desalienado o homem que consegue obter consciência da sua situação alienada, o que pode advir dos conhecimentos científicos, os quais lhe viabilizam desvincular-se dessa situação, no intuito de seguir em frente com foco nos seus propósitos pessoais.

Nesse sentido, chega-se à conclusão de que a educação precisa desprender-se da lógica constante no capital, assim como da busca pelo poder, pelo dinheiro e pelo lucro, combatendo a internalização dos conceitos capitalistas assimilados pelo sujeito, e concebendo a este seus próprios conceitos e entendimentos, promovendo o entendimento entre a aparência e a essência, possibilitando ao sujeito a sua progressão intelectual e material, porquanto

Quaisquer que tenham sido essas formas, a exploração de uma parcela da sociedade por outra é um fato comum em todos os séculos passados. Por isso, não é de se estranhar que a consciência social de todas as épocas, apesar da diversidade e da diferença, se movimente segundo certas formas comuns; em formas de consciência que só se dissolverão com o desaparecimento dos antagonismos de classe. (MARX e ENGELS, 2008, p. 43-44)

Por conseguinte, o contexto educacional viabiliza que o indivíduo tome as decisões de forma consciente, desalienando-se dos objetivos impostos pelo capital e tornando mais realizável a sua própria sobrevivência, visto que “não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”. (MARX, 2008, p. 47).

Sob essa lógica, o método supracitado torna-se primordial para o melhor desenvolvimento da sociedade, razão por que nele se baseia a Teoria Histórico-cultural, tema a ser explorado a seguir.

TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL (THC)

A Teoria Histórico-cultural teve seu princípio idealizado na antiga União Soviética, no início do século XX, pelo estudioso Vigotski. Esta teoria vigotskiana visa abordar o comportamento humano no prisma das relações sociais, focando a atividade humana, que se utiliza de instrumentos culturalmente estabelecidos, como elo principal do relacionamento homem e natureza.

A teoria de Vigotski contou com a colaboração de seus companheiros de estudos,

entre eles destacando-se Leontiev e Luria, componentes da então denominada Troika.

Na concepção da Teoria Histórico-cultural, Vigotski tomou como ponto de partida as ideias de Marx, ao considerar que o homem é formado por suas relações sociais; assim, ao desenvolver os principais conceitos disposto nesta teoria, como as funções mentais superiores, ou funções psíquicas superiores, o fez compreendendo que esses se desenvolvem dentro de um contexto histórico, cultural e social, o que pode ser confirmado com as palavras de Luria ao mencionar:

Influenciado por Marx, Vigotskii concluiu que as origens das formas superiores de comportamento consciente deveriam ser achadas nas relações sociais que o indivíduo mantém com o mundo exterior. Mas o homem não é apenas um produto de seu ambiente, é também um agente ativo no processo de criação deste meio. (LURIA, 2010, p. 25)

Desse modo, compreende-se que o homem se desenvolve em suas relações sociais e que sua evolução é concernente ao seu processo de formação, ou seja, os processos histórico, cultural, social e biológico do homem o constituem e contribuem para o aprimoramento de suas capacidades, tornando-o quem ele é. Reforçando essa ideia, Leontiev menciona que

Durante o processo do seu desenvolvimento ontogênico, o homem realiza necessariamente as aquisições da sua espécie, entre outras as acumuladas ao longo da era socio-histórica. Todavia as aquisições do desenvolvimento socio-histórico da humanidade acumulam-se e fixam-se sob uma forma radicalmente diferente de forma biológica sob a qual se acumulam e fixam as propriedades formadas filogeneticamente. Por consequência, a transmissão das aquisições do desenvolvimento histórico da humanidade pode tomar formas muito diferentes segundo os indivíduos. (LEONTIEV, 2004, p. 175)

Por isso, é imperativo afirmar que o desenvolvimento do homem está diretamente relacionado às experiências vividas por ele em seu contexto, que é justamente o que o diferencia dos demais sujeitos.

Retomando o pensamento anteriormente apontado, as funções psíquicas superiores, então, são formadas inicialmente no coletivo, na relação com a cultura, originando-se, pois, nas relações sociais. Contudo, mesmo considerando o homem como um ser social, deve-se levar em conta que este também possui uma evolução biológica, que faz parte do seu processo formativo e complementa a sua evolução pela ótica social, o que é reconhecido por Marx ao afirmar que

Uma nação deve e pode aprender com as outras. Ainda que uma sociedade tenha descoberto a lei natural de seu desenvolvimento – e a finalidade última desta obra é desvelar a lei econômica do movimento da sociedade moderna –, ela não pode saltar suas fases naturais de desenvolvimento, nem suprimi-las por decreto. (MARX, 2013, p. 71)

Para Vigotski, o homem não nasce com as funções psicológicas pré-prontas e vai sazonalizando ao longo do tempo. A criança nasce em um mundo pronto e vai se adaptando ao contexto social, à medida que adquire conhecimentos a partir das culturas às quais ela se integra. Esse movimento é de suma importância da teoria exposta por Vigotski, visto que, por meio dele, é que ocorre o desenvolvimento do homem, ou seja, da natureza humana.

Destarte, as funções psicológicas foram entendidas por Vigotski como resultado da interação com o mundo das pessoas e objetos. O autor explica esse processo através do conceito de internalização, o qual consiste em funções interpsicológicas, que são compartilhadas durante a interação entre os sujeitos e se revertem em intrapsicológicas, ou seja, em funções internas. (VIGOTSKY, 2007)

O processo de internalização da cultura da sociedade está relacionado diretamente com o entendimento das funções psicológicas superiores, pois estas, de acordo com Vigotski, são apresentadas a partir da interação e entendimentos obtidos por meio do coletivo. Essas funções desenvolvem-se no interior de cada pessoa, de forma intencional e estruturada, com intermédio da mediação, relacionando-se os conhecimentos externos e internos por meio dos signos, ponto a ser discutido no decorrer deste texto.

O desenvolvimento da criança, conforme disposto por Vigotski (2018), é um modelo objetivo de desenvolvimento da Teoria Histórico-cultural, uma vez que discorre que este acontece no transcorrer do tempo, mas não ocorre de forma linear. Há divergências de etapas de desenvolvimento dos ciclos entre cada criança, em comparação com o modelo padrão, isto é, modelo que é baseado na média realizada entre um grande número de crianças. Destaca-se, ainda, que para o autor da Teoria Histórico-cultural,

No seu processo de desenvolvimento, a criança assimila não apenas o conteúdo de sua experiência cultural como também os meios e as formas de comportamento cultural. No desenvolvimento do comportamento da criança, deve-se, assim, distinguir duas linhas principais. Uma é a linha do desenvolvimento natural do comportamento, intrinsecamente ligada aos processos orgânicos gerais de crescimento e amadurecimento. A outra é a do aperfeiçoamento cultural de funções

psicológicas, de elaboração de novas formas de pensamento, de domínio dos meios culturais do comportamento. (VIGOTSKI, 2021, p.75)

É importante compreender que todo percurso humano pode trazer diferenças, mesmo sendo histórias similares. Por conseguinte, haverá diversidades nos aspectos do desenvolvimento humano, na medida em que o desenvolvimento não pode ser entendido como algo cronológico, que ocorre de forma linear, que é composto apenas pela ação do tempo, visto que há muitos aspectos que o envolvem e devem ser considerados, principalmente o histórico-cultural, que o influencia nas suas particularidades.

Sobre a Teoria Histórico-cultural, os conceitos histórico e cultural são encadeadores da teoria Vigotskiana, por isso é bem definida quando denominada Histórico-cultural, uma vez que por meio desta é possível entender o desenvolvimento humano a partir do seu contexto histórico, social e cultural. Portanto, história e cultura são elementos de suma importância nesta teoria, uma vez que “o movimento de desenvolvimento da sociedade, e na vida concreta, produz mudanças na consciência e na conduta humana, fato que nos leva a considerar a historicidade como a dimensão essencial da formação do psiquismo humano”. (Bernardes, 2016, p. 14).

Frisa-se que a THC tem como premissa o desenvolvimento humano. Evidencia-se que esse desenvolvimento do homem está relacionado diretamente com a sociedade e as experiências culturalmente acumuladas por ele no percurso do tempo. Portanto, o homem é considerado um ser histórico-cultural, capaz de criar e modificar culturas, que são propagadas entre gerações, no decorrer do percurso do tempo.

Nota-se que essas práticas cotidianas surgem da necessidade de realização de atividades, de acordo com demandas que se manifestem na sociedade e que o homem consegue aprimorar gradativamente, de acordo com o seu contexto. Tal processo diferencia o homem dos outros seres vivos, haja vista que, “no mundo animal, as leis gerais que governam as leis do desenvolvimento psíquico são as da evolução biológica, quando se chega ao homem, o psiquismo submete-se às leis do desenvolvimento sócio-histórico”. (LEONTIEV, 2004, p. 73).

De acordo com o disposto por Mohamed Elhammoumi,

O paradigma de pesquisa histórico-cultural de Vygotsky foi concebido dentro do quadro teórico do materialismo dialético e da concepção materialista da história. O paradigma histórico-cultural de

pesquisa de Vygotsky assumiu a posição de que a realidade é inerentemente material e dialética. Ou seja, toda a natureza e todos os seres vivos estão em constante movimento, mudança, e estão, portanto, em constante transformação. Deste ponto de vista, cada estágio do desenvolvimento humano é o produto de contradições que são inerentes ou implícitas em fases anteriores. (ELHAMMOUMI, 2016, p. 26)

Marx e Vigotski entendem que a cultura e a sociedade são construções humanas e históricas, e que elas se desenvolvem a partir da produção material e das relações sociais que se estabelecem no decorrer da história.

A Teoria Histórico-cultural tenta refletir a visão histórica defendida pela própria teoria e compreende contradições, como entre forças produtivas e condições de produção; entre classes sociais; entre desenvolvimento econômico e meio ambiente; entre interesses individuais e interesses coletivos, causadas pelas mudanças ao longo do tempo.

Evidencia-se que contradições ocorrem à medida que há mudanças no contexto histórico, cultural e social, visto que, quando há modificações, por exemplo, na forma de organização da sociedade, pode acontecer devido a conflitos recorrentes na conjuntura atual que demandam modificações, portanto, uma nova estrutura.

Essas contradições podem ser entendidas na visão do precursor da THC, uma vez que para ele o ser humano já nasce em um contexto social e vai se adaptando continuamente, ou seja, se desenvolve na relação com o outro, a partir das interações realizadas, e com os instrumentos culturais dispostos, que podem demandar mudanças contínuas de acordo com os fins desejados.

Importante elucidar que a cultura é instituída pela sociedade na cronologia de fatos no decorrer dos tempos. Nela são encontrados todos os aspectos de uma dada comunidade em uma determinada época, viabilizando se extrair as diversas características dessa sociedade, quais sejam: as formas como se organiza, se comunica, seus costumes, suas crenças, enfim, as principais características desse grupo social.

Nessa lógica, a cultura influência nos significados que são construídos nos indivíduos, no decorrer dos tempos em conformidade com a sua sociedade, mas “a cultura não cria nada de novo além do que já foi dado pela natureza, porém transforma a natureza de acordo com os objetivos da pessoa”. (VIGOTSKI, 2021, p. 79). Portanto, as formas de agir de cada pessoa, em cada etapa de seu desenvolvimento, possuem ligação com seu contexto sócio-histórico e cultural, e que pode gerar conflitos e/ou necessidades de mudanças.

De acordo com Leontiev (2004), pode-se afirmar que a necessidade aflorada no homem para a sua sobrevivência fez com que realizasse atividades de manutenção da vida, para facilitar a alimentação, bem como fazer ações para a sua própria proteção com relação aos outros animais. Todas essas condutas fazem parte do processo que é reconhecido como hominização, em que o homem inicia o seu desenvolvimento pessoal e social de forma mais efetiva.

Isto posto, interpreta-se que o homem age conscientemente em função de suas necessidades. É nessa ação consciente, que envolve o contexto de trabalho, que ocorre o desenvolvimento da humanização, diferenciando os homens dos demais animais. A humanização teve seu início marcado com o processo de hominização, em que o homem, no ambiente pré-histórico, inicia o manuseio dos primeiros instrumentos, criados por eles, e que o auxiliavam na sua sobrevivência.

Quanto a humanização, destaca-se também que esta é conseguida porque o homem apropria-se dos instrumentos culturais estabelecidos no decurso histórico. Salienta-se que o processo educacional intermedia a apropriação da cultura de maneira mais reflexiva. Portanto, por meio do processo educacional, os instrumentos estabelecidos pela sociedade são assimilados com mais consciência pelo homem, o que pode possibilitar a exclusão do processo de alienação, uma vez que ocorre internalização de conhecimentos e que torna possível transformar os homens em indivíduos mais reflexivos e participativos na sociedade.

Desse modo, deve-se ter em mente, em consonância com a perspectiva de Marx, a cultura sob a ótica da relação do ser humano com a natureza, tendo como foco o trabalho, valorizando o processo de humanização, ou seja, como o homem se constitui a partir do seu contexto, pois, é no decorrer desse processo, isto é, por meio da atividade humana e dos conhecimentos assimilados no percurso histórico-cultural que o homem se humaniza.

Portanto, a humanização do homem ocorre quando este, a partir de suas experiências históricas, sociais e culturais, consegue assimilar a necessidade de agir observando o bem comum para a sociedade, tornando-se um cidadão reflexivo, crítico e apto a se transformar continuamente nas relações sociais e por meio delas.

Assim, deve-se considerar o conceito de cultura no contexto histórico-social do homem, vinculando-se às relações de produção e reprodução da humanidade,

especialmente no que tange ao encadeamento com o trabalho, pois, de acordo com Marx (2013), o trabalho, atividade vital para o homem, é o elo deste com a natureza.

Por meio do trabalho, o homem pode suprir suas necessidades advindas da vivência social. Para o autor,

É evidente que o homem, por meio de sua atividade, altera as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. Por exemplo, a forma da madeira é alterada quando dela se faz uma mesa. No entanto, a mesa continua sendo madeira, uma coisa sensível e banal. Mas tão logo aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa sensível-suprassensível. (MARX, 2013, p. 121).

Com relação ao homem e ao trabalho, Martins (2015) traz um resgate da discussão de Marx sobre essa questão elucidando que o homem possui uma relação direta com a sociedade e com o trabalho, o que torna evidente que as suas ações são práticas. Contudo, ele necessita libertar-se da alienação sofrida no contexto econômico da vida humana, isto é, da exploração do homem nesse cenário de produção, para que possa melhor desenvolver as características de sua personalização.

Ao refletir sobre a relação do homem com o trabalho, é perceptível a visualização da exploração que este pode sofrer no mundo laboral, dado que o homem acaba sendo considerado como um objeto, uma mercadoria, em que sua força de trabalho é um bem negociável que, em algumas circunstâncias, pode valer mais ou menos. Portanto, analisando-se sobre essa ótica, é possível revelar que o trabalho pode desumanizar o homem, assim como pode o humanizá-lo.

Nessa linha, compreende-se que o homem se difere dos demais animais pela atividade consciente exercida no trabalho e pelas relações que estabelece com os outros indivíduos no meio em que vive, ou seja, pelas atividades sociais que exerce com seus pares, fazendo com que o seu desenvolvimento seja destacado pelos aspectos socioculturais, uma vez que “a atividade dos animais permanece sempre dentro dos limites de suas relações biológicas, instintivas com a natureza. É uma lei geral da atividade animal.” (LEONTIEV, 2004, p. 67). Ademais, “o psiquismo humano, a consciência humana, é uma forma absolutamente diferente de psiquismo, que se caracteriza por propriedades funcionalmente diferentes”. (LEONTIEV, 2004, p. 73).

Essa evolução das ações práticas do homem é possível porque este possui a habilidade de pensamento estruturado, que o viabiliza agir de forma sistematizada nas

situações que emergem. Essas ações estruturadas podem ser reputadas como ações conscientes e objetivas, o que Martins (2015) denomina como práxis. Para a autora, “a práxis é a atividade vital humana por excelência, pela qual os sujeitos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e transformando a si mesmos”. (MARTINS, 2015, p. 36). Martins (2015) considera que a práxis está constituída pela teoria e pela prática, sendo considerada ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, que transforma a realidade a partir da modificação do ideal para o real.

Destaca-se que esse processo de socialização e desenvolvimento de atividades racionais, que são, de certa forma, vinculadas ao trabalho, não aconteceram de uma hora para outra. A constituição do ser homem ocorreu de forma gradativa, conforme podemos confirmar pelo contexto histórico de evolução do homem, desde a pré-história. Conforme disposto por Bernardes (2012), o início da fabricação de instrumentos, do desenvolvimento da linguagem e da organização primária para o trabalho marca o momento de transição da fase biológica para a evolução do desenvolvimento do ser humano.

Mas o que é o ser consciente? Infere-se que a partir do momento em que o indivíduo age afastando-se da ação por instinto, que é uma característica do animal, e desenvolvendo novas funções cognitivas, como o pensamento e o raciocínio, para melhor desenvolvimento da ação, ele evolui para ações sistematizadas, valendo-se do uso da consciência. O trabalho requer esta disposição da consciência, que se vincula à linguagem.

A consciência é uma condição alcançada pelo gênero humano que abre possibilidades para que o indivíduo produza imagens fidedignas da realidade e, tomando-as como base, produza coletivamente suas condições concretas de vida. Em dimensão subjetiva de interpretação do real, que antevê tendências do movimento do real, articula-se à atividade social, resultando em unidade dialética que caracteriza a práxis humana. (MARTINS, ABRANTES & FACCI, 2016, p. 3).

Isto posto, concebe-se que a partir do uso da linguagem, e no contexto das relações sociais, o indivíduo demanda funções de intencionalidade, não agindo por impulso, e de entendimento, aplicando o raciocínio, estabelecendo assim novas ações de e com sentido, consoante as suas necessidades. Desse modo, acentua-se que nem toda ação do homem pode ser apontada como objetiva, uma vez que esta ocorre na condição de prática social, não sendo considerada automática.

Fundamentado em Leontiev (2004) e Marx (2013), reforça-se que a atividade fundamental do homem é o trabalho e é por meio dele que se possibilita a sua evolução,

inclusive do desenvolvimento da consciência, dado que, desde o surgimento do trabalho, constata-se que este ocorre no contexto social e é por meio dele que surgiu e surgem necessidades do manuseio de ferramentas, isto é, de instrumentos, para a sua própria realização. Desta forma, demanda do homem o aperfeiçoamento de suas habilidades na elaboração e uso desses instrumentos na atividade humana, visto que

Por mais complexa que seja a atividade "instrumental" dos animais jamais tem o caráter de um processo social, não é realizada coletivamente e não determina as relações de comunicação entre os seres que a efetuam. Por outro lado, por complexa que seja, a comunicação instintiva entre os membros de uma associação animal jamais se confunde com a atividade "produtiva" dos animais, não depende dela, não é mediatizada por ela. (LEONTIEV, 2004, p. 81).

A partir do momento em que o homem consegue estabelecer entendimento entre o instrumento criado e a função que ele exerce, entende-se o surgimento do que Vigotski (2021) denomina de signo, que, conforme exemplificado pelo autor da Teoria Histórico-cultural, relaciona-se com a língua, a escrita, o sistema de cálculo, os quais foram desenvolvidos no percurso histórico e que contribuem para o desenvolvimento cultural e dos meios de comportamento do homem.

Os signos servem como suporte para o desenvolvimento psíquico do homem, ao tempo que pode ser utilizado como instrumento facilitador da relação do homem na sociedade, principalmente no seu contexto do trabalho, sendo um elo mediador para o desenvolvimento de atividades, haja vista que

O signo, ou o recurso auxiliar do meio cultural, forma, assim, um centro estrutural e funcional que determina a composição e o significado relativo de cada processo particular. A introdução do signo com auxílio do qual se realiza qualquer processo de comportamento reestrutura o fluxo das operações psicológicas, da mesma forma como a introdução do instrumento reestrutura a operação do trabalho. (VIGOTSKI, 2021, p. 84).

Destaca-se, no processo de desenvolvimento humano, bem como na apropriação da cultura, o papel primordial da mediação, uma vez que a atividade desenvolvida pelo homem acaba possuindo influência pelo fim que se deseja alcançar, e a mediação é que fará o elo desse entendimento da atitude praticada com a intenção do que se deseja atingir. De acordo com o disposto por Bernardes (2012, p. 32), “no processo de apropriação da cultura, decorrente das atividades humanas em geral, a mediação é identificada como categoria fundamental para a compreensão do desenvolvimento humano”.

Infere-se que o homem se apropria da cultura e do que ela oferece, à medida que a utiliza no ambiente em que está inserido. Nesse processo, a mediação a partir dos conhecimentos, sob a orientação dos que fazem parte de determinada cultura, isto é, dos que detêm os conhecimentos desta, é essencial para a propagação da cultura em gerações futuras.

Frisa-se que, na abordagem da THC, o entendimento de como o ser humano aprende e se desenvolve são premissas para o melhor desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, que não necessariamente é realizado somente no contexto escolar, haja vista que o ser humano se desenvolve, principalmente, por meio de experiências. Vigotski, quanto à relação do desenvolvimento humano e da aprendizagem, considera que a aprendizagem se inicia antes mesmo da inserção da criança no contexto educacional, uma vez que envolve todas as circunstâncias, sejam internas, sejam externas ao ser humano. Contudo, ressalta-se que a aprendizagem educacional influencia no desenvolvimento.

Importante destacar que o ser humano tem capacidade de aprendizagem, todavia cada um tem sua singularidade para este processo, que está correlacionado de acordo com o seu meio, suas relações históricas, culturais e sociais. Nesse sentido, a aplicabilidade do conceito de equidade é de suma importância no contexto geral, inclusive o escolar, visto que cada ser humano necessita de um modo próprio para melhor desenvolver o seu processo de aprendizagem, e, conseqüentemente, de desenvolvimento.

Seguindo a congruência Vigotskiana, entende-se que o ser humano vive em um processo de constante desenvolvimento, o que desencadeia também um processo de constante produção, realizando-o por meio de atividades, que por sua vez utilizam-se de instrumentos, estabelecidos culturalmente, e, nessa ação contínua, o homem vai se transformando perenemente. Contudo, esses processos não são uniformes, ou seja, não ocorrem nas mesmas condições para todos. Assim, compreende-se que o homem não pode ser investigado sem que seja feito um estudo de suas relações históricas, culturais e sociais.

A partir da liberdade que o homem toma para si, e de acordo com os seus anseios, esse poderá transformar o ambiente em que vive, transformando inclusive a si mesmo, por meio da evolução progressiva dos seus conhecimentos, bem como pela supremacia que

exerce diante da natureza e do seu convívio social, tendo como cerne o contexto histórico-cultural em que se situa.

Compreende-se que, para Vigotski, a partir de suas funções mentais, o indivíduo desenvolve suas potencialidades de aprendizagem, concebendo que é por meio da aprendizagem que se dá o desenvolvimento, a partir da interação do sujeito no mundo. Portanto, quanto mais enriquecidas forem as experiências a que esse sujeito é submetido, maior serão as suas possibilidades de aprendizagem, visto que a interação social, de acordo com o contexto de cada indivíduo, desenvolve capacidades que o fazem raciocinar e aprender constantemente.

Dessa maneira, é aparente que o ensino se torne primordial no processo de desenvolvimento humano, uma vez que a aprendizagem antecede o desenvolvimento e o contexto educacional, que é precursor do ensino científico, amplia as possibilidades de assimilação de conhecimentos a serem adquiridos, o que, conseqüentemente, impulsiona o processo de evolução do homem.

Nessa abordagem teórica, podemos entender que o contexto das interações sociais e a cultura de um sujeito são responsáveis pelo desenvolvimento do pensamento, no qual há a internalização da cultura. No processo de aprendizagem também é aplicada a internalização das relações externas e da cultura, sendo esse processo motivador do desenvolvimento, portanto, o processo de ensino-aprendizagem sempre está à frente do desenvolvimento.

No contexto educacional é importante para um currículo que está em sucessivo movimento estar baseado em uma teoria que o acompanhe, como a Teoria Histórico-cultural, compreendendo as situações sociais, as culturas, as vivências dos indivíduos para, com essas realidades, trabalhar, de forma eficiente, as estratégias de ensino-aprendizagem.

Na THC, entende-se que o professor atua com estratégias de mediação orientando e auxiliando os alunos no processo de aquisição de conhecimentos sistematizados, visto que aquele possui pleno domínio dos saberes, bem como das estratégias necessárias para que os alunos possam também dominá-los. Nessa linha, o professor tem a função precípua de ensinar, criando necessidades humanizadoras no aluno, direcionando o ensino em conformidade com cada etapa do desenvolvimento correlato. Já o aluno, por sua vez, com

suas potencialidades de aprendizagem, de acordo com seus interesses e desejos, e com os estímulos recebidos, se torna ativo no processo podendo gerar os seus próprios conhecimentos.

O desenvolvimento iminente, conforme denominado por Vigotski, refere-se ao sentido e ao significado sobre as possibilidades de aprendizagem humana, visto que se denomina assim na expectativa do que é possível aprender, e não sobre a obrigatoriedade dessa possibilidade a ser concretizada. De acordo com Kravtsov e Kratsova,

Então, o conteúdo da zona de desenvolvimento iminente (saberes opacos ou nebulosos), com a ajuda externa, transforma-se em conteúdo do desenvolvimento atual e adquire um caráter de saberes e conhecimentos autênticos. O que impede de realizar, no processo de ensino em massa, esse esquema que, à primeira vista, parece tão simples? Há muitos impedimentos e dificuldades e os mais significativos guardam relação com a compreensão psicológica da categoria filosófica desenvolvimento. (KRAVTSOV e KRATSOVA, 2021, p. 35).

Portanto, o sujeito necessita de auxílio no processo de aprendizado, mas isso não significa obrigatoriamente que ele vai realizar o desejado, o que existe é a possibilidade de alcance do que se projeta, e um dos fatores de sua concretização está correlacionado ao nível de desenvolvimento em que o sujeito se situa.

Entende-se que no processo de ensino-aprendizagem deve existir uma relação dialética para que seja executado com êxito; assim, é necessário que haja interesse de aprendizado pelo sujeito, bem como pelo professor, que é o organizador do processo. Nessa lógica, a escola é responsável pela formação dos conceitos científicos, o que não significa que é a única detentora do conhecimento para este processo. O que se entende é que o conceito científico se amplia no contexto escolar.

Em suma, a Teoria Histórico-cultural compreende que os meios social e cultural são basilares na formação do desenvolvimento humano. A THC atesta que a aprendizagem ocorre por meio da mediação social e que a linguagem e a comunicação são fundamentais para o desenvolvimento humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do estudo realizado, concebe-se que o Materialismo Histórico-dialético, de Karl Marx, é a base da Teoria Histórico-cultural, instituída por Vigotski, no início do século XX. Aquele é considerado um método da análise da realidade, levando-se em consideração

o seu contexto histórico, cultural e social, possibilitando a transformação dessa realidade, uma vez que se situa em um contexto pertencente a um determinado tempo histórico.

Verifica-se a aproximação do Materialismo Histórico-dialético do campo educacional, o que pode possibilitar compreender a influência deste último no processo de humanização dos seres humanos, haja vista que, no estágio do ser social, o homem tem acumulado conhecimentos e saberes que foram passados de geração em geração, e a educação está colaborando para este movimento. Assim, o papel da escola deve ser, e não somente, o de transmitir os conhecimentos historicamente acumulados pelo homem e que foram adquiridos a partir da mediação do trabalho entre o homem e a natureza, o que possibilita o seu processo de humanização.

A articulação entre Marx e Vigotski na Teoria Histórico-cultural relaciona-se à influência da abordagem marxista na teoria vigostkiana no que tange aos fatores culturais e históricos no desenvolvimento humano. Vigotski acreditava que a história social e cultural moldava a maneira como pensamos e agimos, e ele viu o marxismo como um meio de compreender e transformar a sociedade.

Depreende-se que a Teoria Histórico-cultural possibilita a compreensão aprofundada do processo de desenvolvimento do homem e da sociedade, ao tempo que torna possível o seu melhor desenvolvimento, uma vez que realiza sua análise com base no percurso histórico, cultural e social.

Concebe-se, por meio da Teoria Histórico-cultural, que o desenvolvimento humano se dá a partir do contexto social, em que os artefatos culturais criados no decorrer do percurso histórico da humanidade são mediadores da relação do homem com o seu ambiente, possibilitando a compreensão dos significados desenvolvidos no contexto social.

Ademais, a THC compreende que a aprendizagem não é um processo isolado, mas sim um processo social e culturalmente mediado. Destarte, o aprendizado ocorre através da interação com outras pessoas e do ambiente ao seu redor, e a cultura e a história são fatores importantes que moldam o desenvolvimento humano.

Em síntese, por meio da THC, é possível afirmar que o homem, por ser o único ser vivo considerado social e constituído por meio do trabalho, pode ser considerado como o centro do universo. Nessa linha, para compreensão do processo de desenvolvimento e

aprendizagem do homem, é de suma importância o estudo e a compreensão do seu percurso histórico, cultural e social, que pode ser realizado por meio da Teoria Histórico-Cultural.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. O desenvolvimento humano e apropriação da cultura. In: BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. **Mediações simbólicas na atividade pedagógica: contribuições da teoria histórico-cultural para o ensino e aprendizagem**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012. p. 29-77.

BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. Prefácio. In: BARBOSA, Maria Valéria; MILLER, Stela; MELLO, Suely Amaral (Org.). **Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

ELHAMMOUMI, Mohamed. O paradigma de pesquisa histórico-cultural de Vygotsky: a luta por uma nova Psicologia. Traduzido por Suely Amaral Mello. In: BARBOSA, Maria Valéria; MILLER, Stela; MELLO, Suely Amaral (Org.). **Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

KRAVTSOV, Guennadi Grigorievitch; KRATSOVA, Elena Evguenievna. A inter-relação instrução e desenvolvimento: Problemas e perspectivas. In: VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia, educação e desenvolvimento: Escritos de L. S. Vigotski**. Organização e tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LURIA, Alexander Romanovich. Vigotskii. In: VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Tradução de Maria da Pena Villalobos. 11ª ed. São Paulo: Ícone, 2010. (Coleção Educação Crítica)

MARTINS, Lígia Márcia. Da concepção de homem à concepção de psiquismo. In: MARTINS, Lígia Márcia. **A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano**. 2ª Ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados. p. 31- 74. 2015.

MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves (Org.). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. Introdução à contribuição à crítica da economia política. In: MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: Livro I; tradução Rubens Enderle. Versão e-book. São Paulo: Boitempo, 2013.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8ª ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, Gilmara Belmiro da; GASPARIN, João Luiz. **A mediação pedagógica em Vigotski, Comênio, Herbart, Dewey e Skinner**. 1ª ed. São Paulo: Appris, 2020.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **7 aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Organização e tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia, educação e desenvolvimento**: Escritos de L. S. Vigotski. Organização e tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Tradução de Maria da Pena Villalobos. 11ª ed. São Paulo: Ícone, 2010. (Coleção Educação Crítica)

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento soa processos psicológicos superiores. Organizadores Michael Cole... [et. al.] e tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7ª ed. São Paulo: Martins Fonte, 2007.

Revisor de linguagem em Língua Portuguesa e de normas técnicas: Marco Aurélio Pereira Mello.

Recebido em: 15/11/2022

Parecer em: 20/03/2023

Aprovado em: 30/03/2023